

Pluralidade metodológica: a cartografia aplicada às pesquisas de audiovisual

Nísia Martins do Rosário
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS/Brasil
nisiacorporalidades@gmail.com

Lisiane Machado Aguiar
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS/Brasil
lisiaguiar@gmail.com

Resumo: *A partir da observação dos usos teórico-metodológicos em pesquisas na área do audiovisual no Brasil, busca-se refletir sobre os conceitos de método e metodologias. Considerando que há perspectivas metodológicas que trazem propostas diferenciadas, optamos por dedicar mais atenção especialmente a uma delas: a cartografia. Para essa abordagem específica centramo-nos na “cartografia de Deleuze e Guattari” como um processo teórico-metodológico plural, aberto, multidimensional para os estudos do audiovisual. O interessante desses usos é a dupla perspectiva que surge na sua aplicação e que vamos apresentar no decorrer do artigo.*

Palavras chaves: *metodologia; cartografia; audiovisual.*

Resumen: *A partir de la observación de las aplicaciones teórico-metodológicas en las investigaciones del área audiovisual en Brasil, se busca reflexionar sobre los conceptos de método y metodologías. Teniendo en cuenta que hay perspectivas metodológicas que aportan diferentes propuestas, se optó por centrar más la atención especialmente en una: la cartografía. Para este enfoque en particular nos centramos en la "cartografía de Deleuze y Guattari" como un proceso teórico-metodológico plural, abierto y multidimensional para los estudios del audiovisual. Lo interesante de estos usos es la doble perspectiva que surge en su aplicación y que se presenta a lo largo del artículo.*

Palabras clave: *metodología, cartografía, audiovisual.*

Abstract: *From the observation of the theoretical and methodological applications in the research of the audiovisual area in Brazil, we seek to reflect on the concepts of method and methodology. Given that there are methodological perspectives that provide different proposals, we chose to focus more specifically on one: the Cartography. For this particular approach we focus on "Deleuze and Guattari Cartography" as a plural, open, multidimensional theoretical-methodological process for audiovisual studies. The interesting about these applications is the dual perspective that arises in their use, and it is presented throughout the article.*

Keywords: *methodology, cartography, audiovisual.*

1. O audiovisual em pesquisas de comunicação no Brasil

O objetivo pontual desse artigo é, por um lado, apresentar um panorama geral de pesquisas voltadas ao audiovisual no âmbito da comunicação social, área que faz parte da grande área de conhecimento das ciências sociais aplicadas. Contudo, o enfoque deste *paper* se volta especialmente para uma proposta metodológica que começa a surgir e ser utilizada especialmente no audiovisual: a cartografia. Na busca por alcançar esses objetivos, num primeiro momento apresentamos características da pesquisa científica no Brasil, apontamos alguns dados sobre a investigação em audiovisual, propomos uma abordagem possível para o entendimento do audiovisual como um campo de estudos. Finalmente, passamos a um exame mais aprofundado acerca de um tipo metodológico que tem sido ensaiado em pesquisas sobre audiovisual.

De início, é importante observar o perfil metodológico das pesquisas no Brasil. Diferentemente de muitos espaços acadêmicos da Europa e dos EUA, a pesquisa brasileira em ciências sociais adota com mais ênfase o viés qualitativo – já as ciências duras preferem a perspectiva quantitativa. A opção da primeira área de conhecimento se explica por vários motivos, e, inclusive, se mostra como um reflexo da própria América Latina. O modo mais direto de aclarar essa questão considera a forma como a pesquisa em comunicação se desenvolveu no país. Se nas décadas de 1950, 60 e 70 havia clara influência do funcionalismo nas pesquisas realizadas na área, com enfoque quantitativo apesar das abordagens diferenciadas, nos anos 80 começa um esforço entre os pesquisadores no sentido de elaborar teorias e metodologias de comunicação que operassem a partir das especificidades da América Latina. Procurava-se, assim, romper pelo menos em parte, com a perspectiva da dependência em termos acadêmicos e de pensamento científico. É nesse momento que a pesquisa qualitativa se estabelece com mais força, sobretudo no que se refere aos estudos de recepção e às análises centradas no produto e na produção comunicacional. Ao contrário do que se possa pensar, não há descrédito em relação às pesquisas quantitativas, mas elas não parecem responder adequadamente às problematizações que têm sido elaboradas, principalmente as que têm relação com o audiovisual.

Uma visita ao banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)¹ permite verificar que o audiovisual é alvo de interesses de várias áreas para além da comunicação. Sobre esse assunto aparecem teses e dissertações nos campos do direito, artes, engenharias, letras, educação, saúde pública, administração, computação, teologia, turismo, música, entre outros. O exame cruzado de títulos, resumos, linha de pesquisa e palavras chave das teses e dissertações da área de comunicação fornece uma visão geral das perspectivas adotadas para as pesquisas realizadas em audiovisual. São observadas articulações entre audiovisual e análise de discurso, análise semiótica, análise de imagem, estudos culturais, estudos de recepção, projetos para negócios, análises comparativas, perspectiva histórica, representação, imaginário, interatividade.

¹ A CAPES no Brasil é um órgão do Ministério da Educação responsável pela elaboração do Plano Nacional de Pós-Graduação *Stricto Sensu*.

Já numa pesquisa exploratória acerca dos grupos de pesquisa brasileiros que se propõe a trabalhar com audiovisual e imagem e que são filiados ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, ligado ao Ministério da Educação), pode-se perceber um alto índice de diretórios de pesquisa com interesse na área de audiovisual. É preciso observar, entretanto, que o sistema *on line* do órgão não permite uma busca exata em função de que a procura da palavra-chave pode estar na ementa do grupo e/ou no título. Para se ter uma ideia, colocando-se o termo de busca 'audiovisual' aparecem 132 diretórios. A mesma pesquisa, porém com o filtro para 'ciências sociais aplicadas' apresenta 71 grupos de pesquisa, sendo que deste, apenas 34 mostram termos relacionado ao audiovisual² no título. Já a palavra chave 'cinema' aparece ligada a 295 diretórios de pesquisa, só que o número diminui consideravelmente, para 83, quando aplicado o filtro 'ciências sociais aplicadas' e para 66 em comunicação. No comparativo entre os termos 'audiovisual' e 'cinema', na área da comunicação social se percebe que não há grande diferença entre o número de grupos de pesquisa: 64 grupos para o primeiro termo e 66 para o segundo. Uma checagem cruzada permite verificar que 31 dos diretórios de pesquisa que estão incluídos na listagem de audiovisual também o estão na listagem de cinema. Assim, pode-se deduzir, de uma forma preliminar, que dos 376 diretórios de pesquisa do CNPq da área de comunicação social, 99 se propõem a investigar audiovisual.

Expandindo a pesquisa para o termo 'imagem', 667 diretórios de pesquisa são apontados pelo sistema, sendo que destes 136 estão na área de ciências sociais aplicadas e 75 na de comunicação social.

No que se refere às metodologias aplicadas às pesquisa em audiovisual, somente uma análise aprofundada em trabalhos completos (dissertações, teses, relatórios de pesquisa) permite organizar uma panorama mais exato. Como esse não é o objetivo deste artigo, valemo-nos da experiência em docência, participação em bancas (de graduação, mestrado e doutorado), leituras de trabalhos, participação em congressos para formular uma perspectiva possível. Vale lembrar que as escolhas metodológicas estão diretamente ligadas à problematização construída para a investigação, bem como à perspectiva teórica adotada.

Por essa via, é possível afirmar que grande parte das pesquisas que se focam em audiovisual hoje no Brasil encaminham a sua metodologia pela análise de imagem a partir de diversas perspectivas como a semiótica, a análise de imagem, a análise de discurso, entre outros. Para se ter uma ideia dessa predominância, o XIV Encontro Internacional da Socine (Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual), em 2010, foi marcado pela publicação de dois livros. Um deles dedicado exclusivamente aos trabalhos de análise de fílmica "como já é tradição no Socine", diz a apresentação.

Contudo, outros pontos de vista teórico-metodológicos são adotados em pesquisa do audiovisual, por exemplo, os que se ligam a vieses dos estudos culturais ingleses e da América Latina, utilizando-se de pesquisa de recepção, etnografia, observação. Examinando as pesquisas apresentadas no grupo de trabalho 'Estudos de fotografia, cinema e audiovisual' da Associação Nacional dos Programas de Pós Graduação em

² As palavras consideradas como relacionadas ao termo audiovisual foram: televisão, cinema, vídeo, imagem.

Comunicação – Compós – em 2011 e 2010, já se percebe uma tendência maior a abordar e elaborar aspectos conceituais do audiovisual. Nessa via entram questões mais de ordem teórica que perpassam a política, o mercado, a memória, a arte, a técnica, a filosofia, mas não estão excluídas as análises de imagem.

1.1. Como pensar o audiovisual

Assim, são várias as possibilidades de tratar o audiovisual e, mesmo quando a abordagem é eminentemente teórica, entende-se que ela ocorre a partir de uma perspectiva metodológica de construção teórica. No referido livro do Socine, XIV estudos do Cinema e Audiovisual (CANEPA, 2010), Chateau propõe a filosofia como entrada para as reflexões do cinema, a filosofia do cinema teria a capacidade de esclarecer a natureza do cinema e contribuir para a construção da teoria desse meio. Para isso, o autor debate aspectos da epistemologia e do cinema através de três perspectivas: a dos estudos cinematográficos, da teoria do cinema e dos pontos de vista científicos aplicados ao cinema.

O que Chateau nos levou a pensar a partir de sua ampla reflexão é sobre a necessidade de uma epistemologia do audiovisual³ que, por consequência, levaria a refletir sobre paradigmas, construções teóricas, modelos metodológicos, entre outros. Ora, a *episteme* se constitui num espaço/tempo singular que permite ponderar sobre as contribuições de teorias, metodologias, modelos, paradigmas. Nessa direção, é preciso considerar a multiplicidade de saberes envolvidos na construção do conhecimento em audiovisual.

Nesse *paper* defendemos uma epistemologia do audiovisual e não das mídias específicas, como do cinema, da televisão, do vídeo. Assim, nosso entendimento sobre audiovisual procura ultrapassar o conceito de mídia técnica em si para alcançar uma instância em que se possa refletir sobre aquilo que é essencial ao audiovisual e que, nesse sentido, permita pensar e teorizar sobre uma virtualidade do audiovisual, irreduzível a qualquer mídia. Essa perspectiva não se constitui a partir de um ponto de vista de convergência tecnológica – tampouco de linguagens. Longe disso. A proposta é ultrapassar o conceito de mídia, buscando a complexidade e a multiplicidade do audiovisual como uma dimensão, sem enclausuramentos tecnicistas, tampouco buscando generalizações, mas entendendo que, mais importante que gênero e meio, a relevância está em encontrar aquilo que é próprio do audiovisual, nas suas multiplicidades e, sobretudo, na diferença de si mesmo.

Deve-se ter em conta que o audiovisual pode ser entendido a partir de várias perspectivas que se inter-relacionam e se articulam nos processos de investigação. O ponto de vista mais comum associa o uso de som e imagem na composição de produtos midiáticos que requisitam os sentidos da audição e da visão para sua percepção. O audiovisual é também facilmente identificado aos meios de massa que transmitem som e imagem: televisão, cinema e vídeos. Esses dois caminhos direcionam ainda para os suportes audiovisuais como os DVDs, as fitas VHS, entre outros. Se essas entradas permitem certas delimitações nesse campo, não dão conta de sua complexidade e nesse sentido das suas multiplicidades (pela via de Deleuze e

³ Da mesma forma que se desenvolvem já diversas abordagens, debates e questionamentos sobre a epistemologia da comunicação e sua consolidação como ciência.

Guattari, 1995). Afinal, o audiovisual pode se constituir como linguagem e discurso, numa complexa relação entre a técnica e a cultura, atravessadas pela estética e pela ética.

Pode-se considerar o audiovisual como conformador de um campo complexo, que alimenta e é alimentado por outros campos, engendrando inter-relações constantes de tensão e distensão sobre a técnica, os discursos e culturas em potencial. Nesse processo, é possível prever espaços para consensos, divergências, padronizações, sociabilidades e trocas simbólicas, mas também para usos, apropriações, configurações, convergências, experimentações e inovação sobre formatos, suportes e tecnologias. Enfim, o audiovisual é uma esfera de virtualidade e atualizações que potencializa devires de diversas ordens⁴.

2. Método e metodologia: considerações para uma *episteme* do audiovisual

Para sustentar as colocações lançadas até aqui, é preciso tangenciar considerações sobre os conceitos de ciência, método e metodologia⁵ na perspectiva da pesquisa qualitativa. Nessa trilha de argumentos também se pretende preparar o campo para falar da perspectiva metodológica da cartografia.

Originalmente o termo método se refere ao caminho percorrido, indicando os passos que o pesquisador vai adotar para realizar seu estudo. Entretanto, a visão que desenha o método como ordenamento sobre preceitos e regras rígidas, imutáveis e sistemáticas, leva a um paradigma. O paradigma do método determina um modo de agir do cientista que é previamente padronizado, estabelecido a partir de modelos ordenados e aceitos no campo. Por um bom tempo esse conceito de método foi importante para dar contornos mais objetivos à ciência, afastando-a o misticismo. O uso de um paradigma rigoroso possibilitaria que a subjetividade, as experiências pessoais e a intuição não atrapalhassem o trabalho científico, mas, sobretudo, garantiria que sua aplicação chegaria a resultados científicos. Contudo, a ciência contemporânea começa a repensar esse paradigma.

O termo metodologia tem acompanhado o mesmo panorama construído para o método. Na ciência, a metodologia é entendida, basicamente, pela forma do caminho percorrido para encontrar soluções a uma problemática e, nessa via, está em conexão com todo processo investigativo e suas etapas. Se na perspectiva das ciências contemporâneas interessa entender metodologia como um termo que se conecta ao

⁴ O entendimento de virtual e atual tem ponto de partida em Bergson (2006a, b) que é apropriado depois por Deleuze (2004). Para o autor, o tempo (qualitativo e, portanto, não cronológico e quantitativo) é mobilidade, vivência, continuidade, ou seja, é a própria mudança e, portanto, duração. Por isso, a duração é fluxo, nela haveria “criação perpétua de possibilidade e não apenas realidade” (Bergson, 2006a: 15). Esse é o caminho da virtualidade. Já o tempo quantitativo e cronológico é responsável pela especialização e materialização do próprio tempo que já não é mais duração. Esse é o caminho da atualidade, a atualização. A partir da primeira noção pode-se, na duração do audiovisual, organizar sua memória e seus conceitos, ou seja, sua virtualidade; com base na segunda noção se pode vislumbrar os modos de atualização do audiovisual, ou seja, as modos através dos quais eles agem, se manifestam no audiovisual.

⁵ Algumas das abordagens feitas nesse ítem estão mais aprofundadas em dois artigos: Rosário In Maldonado et al. (2008) e Rosário In Maldonado et al (2011).

mundo da ciência e ao mundo da vida, configurando relações de atualizações no que diz respeito às perspectivas hegemônicas⁶, na ciência moderna o termo metodologia se liga muito facilmente a técnicas e modelos de aplicação da pesquisa empírica.

As técnicas de ciências sociais aplicadas – e por consequência em comunicação e audiovisual – em sua maioria já estão dadas e consolidadas em livros de metodologia que, muitas vezes, se parecem com manuais. Se, por um lado, esse formato auxilia muitos alunos de graduação, causa estagnação da reflexão metodológica em níveis mais avançados. O termo ‘modelo’, inclusive, indica a existência de um molde padronizado capaz de abarcar um número considerável de problemáticas e reproduzir um estrutura previamente construída. Como tal, o modelo metodológico pode servir como uma cópia e é assim que tem sido usado muitas vezes no campo científico. Tanto o método quanto a metodologia são pensados comumente como modelos padrões de refletir e agir na investigação que garantem a capacidade de atingir os resultados esperados (e desejados).

O que desestabiliza os modelos é o fato de se ignorar as especificidades de cada objeto e de cada problematização em detrimento do funcionamento perfeito e da falsa ideia de percurso garantido. Rubem Alves (2004: 56) observa que “uma teoria científica tem sempre a pretensão de oferecer uma receita universalmente válida, válida para todos os casos”. O caráter da *receita* que está inserido na noção de metodologia torna-a paralisante, restringe a criatividade e a própria reflexão do investigador.

Alves (2004: 52) explica que antes de tudo “os modelos são construções intelectuais, palpites, apostas baseadas na crença de que existe relação de analogia entre o que conhecemos e o que desejamos conhecer”. Reproduzir os modelos sem reflexão e questionamento leva, quase todas as vezes, a resultados muito similares e sem valor científico autêntico. Os modelos prontos, de fato, são aparentemente mais seguros por que trazem consigo capital simbólico de metodólogos que detêm autoridade e reconhecimento. Além disso, são mais rapidamente aplicáveis, evitam reflexões e questionamentos difíceis de responder. Alves (2004) compara o cientista que está profundamente aderido ao modelo metodológico com o detetive que, para obter a confissão do suspeito, o esbofeteia. A diferença está no fato de que o cientista – diferente do detetive – se põe a esbofetear o objeto para que entre dentro do modelo.

Para Santos (1989) há, atualmente, dois tipos de crise da ciência: do crescimento que se relaciona com a disciplina e com a insatisfação com métodos e/ou conceitos; e a crise da degenerescência – correspondente à ciência e aos paradigmas. Nessa via, o conceito mais tradicional e hegemônico de epistemologia precisa ser relativizado, pela inserção de perspectivas que entendam a amplitude do campo do conhecimento

⁶ Nessa perspectiva, é importante lembrar que as distinções entre o conhecimento filosófico e o conhecimento científico, na era moderna, foram propulsoras da abertura de um caminho da ciência universal para as ciências particulares. Nessa primeira (trans)formação constituíram-se métodos que provem do empirismo e do racionalismo, seguindo linhas diversas e buscando a consolidação de uma ciência mais avançada. Ao mesmo tempo, foram se solidificando paradigmas como o da exclusividade da razão, a representação do objeto, a verdade absoluta, a rigidez do método e a separação entre sujeito e objeto. Segundo Stengers (2002) o imperativo do objeto eclipsa a capacidade criativa. Já Santos (1989: p. 78) observa que a “ciência torna-se reflexiva sempre que a relação “normal” sujeito-objeto é suspensa e em seu lugar, o sujeito epistêmico analisa a relação consigo próprio, enquanto sujeito empírico”.

para além das ciências formais. Santos, por exemplo, reconhece as contribuições vindas do senso comum que o conectam a uma vocação *solidarista* e *transclassista*, ou seja, abarca sentidos de resistência. O autor, contudo, fala de uma ruptura mais complexa, que tem, num primeiro nível, a ruptura entre a epistemologia e o senso comum, mas traz um segundo nível mais importante que é a ruptura com a ruptura epistemológica. Para Santos a dupla ruptura epistemológica leva a concluir que: todo conhecimento é em si prática social; uma sociedade complexa implica várias formas de conhecimento; a verdade de cada forma de conhecimento reside na adequação das práticas que visa construir; a crítica de uma forma de conhecimento leva a crítica da prática social que pretende adequar. É por essa via que a epistemologia pode operar sobre uma desconstrução do seu próprio conceito, conectando-se com outros conhecimentos e gerando mudanças no modo de fazer e de gerar conhecimento na própria ciência.

Assim, a crise da ciência moderna envolve, além da ruptura de paradigmas, a reflexão epistemológica e o raciocínio sobre novas trilhas, olhares e processos. Ciência, método e metodologia passam a conectar-se com criação, invenção, partilhamentos e tensionamentos. Compreender a ciência por essa via não é “fundá-la dogmaticamente em qualquer dos princípios absoluto ou a priori que a filosofia da ciência nos tem fornecido [...]. Ao contrário, trata-se de compreendê-la enquanto prática social de conhecimento, uma tarefa que se vai cumprindo em diálogo com o mundo [...]”. (Santos, 1989: 13).

Os deslocamentos de olhares permitem que a verdade seja compreendida na sua relatividade: “é certo que deixa de ter sentido a busca da verdade absoluta [...]. O conhecimento é sempre falível, a verdade é sempre aproximada e provisória”. (Santos, 1989: 72). Na mesma via, as teorias passam a ser entendidas como tendências, mais do que como leis; o método, sobretudo, como “fazer o caminho enquanto se caminha” como diz Morin (2003); as ciências reconhecem as variáveis como incontroláveis, além da dinamicidade dos objetos/fenômenos; a representação do objeto é abolida em seu determinismo, o qual o isola das diversas conexões que o engendram, ignorando as processualidades; o sujeito pesquisador está envolvido, inevitavelmente, com seu contexto histórico e social. Sobre esse último, Marre (1991: 4) diz que ele é “aquele que para fazer progredir a ciência, renuncia às grandes filosofias do devir histórico, para se instalar na descontinuidade, na ruptura, no corte epistemológico a ser operado”.

Essas premissas já são suficientes para desterritorializar muitos dos conceitos caros à ciência moderna, trazendo à tona as complexidades e multiplicidades que atravessam as pesquisas como um todo e que se instalam com força na área das ciências sócias aplicadas e na sub-área do audiovisual. É possível perceber vários indícios disso em pesquisas sobre audiovisual no Brasil, tanto em algumas dissertações e teses quanto em determinados artigos de associações científicas ligadas a sub-área.

O tensionamento que se torna relevante a partir disso diz respeito, sobretudo, a gerar debates, trocas, estimular reflexões sobre o que é propriamente audiovisual. Aceitar problematizar novas perspectivas de método e de metodologia, sob pontos de vista inusitados ou reterritorializados, é, sem dúvida, positivo para a construção do conhecimento dessa sub-área da comunicação.

3. A cartografia nas dimensões teórico-metodológicas do audiovisual

De início é relevante dizer que a cartografia, como é entendida aqui, ultrapassa o sentido etimológico de ‘carta escrita’⁷, tampouco fica restrita ao campo das ciências geográficas. É uma cartografia que vem sendo usada no processo teórico-metodológico de pesquisas acadêmicas como uma via alternativa para diferentes perspectivas de estudo.

A especificidade desse uso acadêmico é a de invocá-la a partir das concepções de Gilles Deleuze e Félix Guattari para utilizá-la como um método e/ou procedimento de pesquisa, tendo em vista que empregar “o método da cartografia de Deleuze e Guattari” é uma proposta que vem se constituindo no Brasil em diversas áreas do saber⁸ a partir, principalmente, do que os autores escreveram no livro *Mil Platôs* (1995).

Nesse livro, a cartografia aparece como um dos princípios do rizoma. Os autores, para compor o conceito de rizoma, enumeram seis características aproximativas que são chamadas de princípios. Desse modo, tal conceito é constantemente ativado em muitos trabalhos para ajudar a pensar as mais diversas questões científicas. É comum, ao falar sobre o rizoma, citar seus princípios que são de *conexão, heterogeneidade, multiplicidade, ruptura a-significante, cartografia e decalcomania*.

Logo, a cartografia foi ativada por Deleuze e Guattari como um dos princípios do rizoma. Porém, no Brasil ela vem se atualizando como um método e/ou procedimento de pesquisa. A seguir buscamos desenvolver algumas conexões que ajudam a melhor compreender esse movimento de transição.

3.1. A cartografia e seus desdobramentos metodológicos no Brasil

Em 1982, a brasileira Suely Rolnik acompanha a vinda de Guattari ao Brasil. Juntos escrevem: *Micropolítica. Cartografias do desejo* (1986). Em 1987 Rolnik defende sua tese em Psicologia Social na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: *Cartografia Sentimental da América: produção do desejo na era da cultura industrial*. Em 1989 sua tese ganha uma versão livro chamada: *Cartografia Sentimental. Transformações Contemporâneas do Desejo*.

Rolnik passa a trabalhar a cartografia como um método. Para ela “a cartografia é um método com dupla função: detectar a paisagem, seus acidentes, suas mutações e, ao mesmo tempo, criar vias de passagem através deles.” (ROLNIK, 1987: 6). Ela complementa que diferentemente do “mapa [que] só cobre o visível a cartografia acompanha a transformação da paisagem. É para isto aliás que ela serve. Senão não serve” (Ibid.: 6-7).

Em 1994, Virgínia Kastrup ingressa no doutorado em Psicologia Clínica na PUCSP sob a orientação de Suely Rolnik. A partir desse encontro Virgínia Kastrup começa a

⁷ Do Latim *charta* - Grego *chartes*, carta + *graph* de *graphein*, escrever.

⁸ Mais intensamente na Psicologia e na Educação.

trabalhar com a cartografia buscando pistas sobre esse método. Para ela a “cartografia é um método proposto por G. Deleuze e F. Guattari e que vem sendo utilizado em pesquisas de campo voltadas para o estudo da subjetividade”. (Kastrup, 2007: 15).

É importante esclarecer que, do mesmo modo que há quem defenda a cartografia como um método, há quem a defenda como um procedimento metodológico. É o caso, por exemplo, de Roberto Machado⁹.

Essas diferentes posições indicam, também, perspectivas diversas na compreensão do próprio conceito de método¹⁰. Dessa forma, os autores que defendem que a cartografia é um método explicam que ela não segue o ponto de vista tradicional do método, que se propõe a seguir um percurso previamente determinado por regras ou protocolos na procura de uma verdade absoluta, mas busca traçar um percurso enquanto o percorre. “A precisão não é tomada como exatidão, mas como compromisso e interesse, como implicação na realidade, como intervenção”. (PASSOS *et al*, 2009: 11). A cartografia passa ser um caminho que deve ser experimentado e percorrido para então estabelecer suas metas.

Toda essa exposição não serve exclusivamente para contextualizar que a cartografia de Deleuze e Guattari deixou de ser pensada apenas como um dos princípios do rizoma para atualizar-se também como um método. Serve, igualmente, para esclarecer que aceitá-la como um método depende da posição que é tomada sobre sua própria definição. E, ainda, faz repensar a noção de método, pois essas abordagens desestabilizam o conceito positivista de método. Dessa forma, o crescente uso teórico-metodológico da cartografia de Deleuze e Guattari no campo da comunicação - sobretudo para os estudos do audiovisual - suscita que seu uso possa apontar questões metodológicas importantes.

Entre os achados interessantes desses usos está a dupla perspectiva que surge na sua aplicação. Nos trabalhos analisados que defendiam a cartografia como um método, apesar do discurso “rizomático”, a construção teórica sobre a dimensão metodológica era abstrata e sem relação com o objeto empírico. Já nos trabalhos que utilizam a cartografia em confluência com outros procedimentos, apresentaram-se avanços nos processos de construção do objeto empírico, pois conjugaram pluralmente as problematizações teóricas com as metodológicas, com as dimensões empíricas do objeto e com as processualidades do sujeito/pesquisador.

⁹ O autor que fez seu Pós-doutorado na Universidade de Paris VIII, com Gilles Deleuze, em 1985-86, assegurou que “Deleuze jamais criaria um método com regras ou fórmulas para ser seguido”. A afirmação foi feita no dia 09 de junho de 2010, na Unisinos, quando ministrou uma palestra intitulada: *A geografia deleuziana do pensamento*. Nessa palestra perguntei-lhe sobre sua posição em relação à cartografia e ele foi claro ao afirmar que a cartografia seria um procedimento.

¹⁰ De acordo com Passos *et al*. (2009) o sentido tradicional de método está impresso na própria etimologia da palavra: *metá-hódos* = caminho (*hódos*) predeterminado pelas metas (*metás*) traçadas de partida. “Por sua vez, a cartografia propõe uma reversão metodológica: transformar o *metá-hódos* em *hódos-metá*”. (PASSOS *et al*, 2009: 10). “Não mais um caminhar para alcançar metas pré-fixadas (*metá-hódos*), mas o primado do caminhar que traça no percurso suas metas” (PASSOS e BARROS, 2009: 17).

4. Análise dos trabalhos

A primeira pesquisa exploratória foi realizada no banco de teses *online* da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e no banco de dados *online* dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Para isso, foram considerados os trinta e sete programas filiados na Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação/COMPÓS.

Tendo em vista as diversas abordagens para se pensar o conceito de cartografia - bem como suas contradições em relação a desenvolver-se como um método - as palavras-chaves que melhor contribuíram para a seleção dos trabalhos a serem analisados, no campo de busca “assunto” da Capes; da Biblioteca Digital (BDTD); e, nos trinta e sete Programas de Pós-graduação em comunicação foram: “cartografia, Deleuze, Guattari”.

No site da Capes foram localizados (até o dia dezesseis de janeiro de 2012) oitenta trabalhos que usaram teórico-metodologicamente a cartografia de Deleuze e Guattari, dos quais foram analisados os resumos buscando uma “primeira seleção”.

Dessa forma, considerando todos os trabalhos encontrados na área da comunicação, o total foi de: cinco teses e doze dissertações.

A partir dessa primeira coleta usou-se como critério de seleção se o objeto de estudo era audiovisual. Portanto, o corpus selecionado para esse artigo foi de quatro trabalhos¹¹, mesmo não contemplando todas as dissertações e teses que usam cartografia e audiovisual. O exame metodológico, contudo, precisa de profundidade e detalhamento no âmbito qualitativo.

Para a análise desses trabalhos foram definidos alguns parâmetros de observação para investigar como a cartografia era usada nas suas configurações metodológicas sobre: os problemas e objetivos de pesquisa; a construção do objeto empírico; o desenvolvimento da dimensão teórica e metodológica; o reconhecimento das potencialidades e/ou limitações desse uso da cartografia para o audiovisual¹².

A partir do que pudemos observar nos trabalhos estudados, acreditamos que a cartografia tem se configurado não como um método, mas como um procedimento teórico-metodológico muito enriquecedor dos processos de construção do *objeto empírico* e do *objeto teórico*¹³.

A análise dos trabalhos permitiu várias inferências, mas dentre elas a mais significativa para ser tratado nesse artigo foi o do seu uso para repensar o processo metodológico em uma investigação com objetos audiovisuais. Os trabalhos que defendiam a cartografia como um método, apesar do discurso “rizomático”, a construção teórica sobre a dimensão metodológica era abstrata e sem relação com o

¹¹ Farina (2008); Guidotti (2007); Lopes (2008); Gil (2008).

¹² Optamos por não detalhar o processo metodológico de análise das dissertações, uma vez que ocuparia muito espaço desse artigo. Assim, entendemos mais importante apresentar os resultados.

¹³ De acordo com Lopes (2010) o objeto é um sistema de relações expressamente construído entre a “base epistemológica de elaboração do objeto empírico e do objeto teórico da pesquisa”. (2010, p. 35).

objeto empírico. Já nos trabalhos que utilizam a cartografia em confluência com outros procedimentos metodológicos, apresentaram-se avanços nos processos de construção do *objeto empírico*, pois conjugaram pluralmente as problematizações teóricas com as metodológicas, com as dimensões empíricas do objeto e com as processualidades do sujeito/pesquisador.

A cartografia permite ver o objeto audiovisual por outras perspectivas que as técnicas e procedimentos costumeiramente usados na comunicação não têm o hábito de evidenciar. Ela permite verificar as diferenças, observar ou capturar elementos da duração (de acordo com Bergson), ela dá espaço para as heterogeneidades, para os elementos minoritários e a para as linhas de fuga. Ela reconhece, igualmente, o espaço da subjetividade na pesquisa - o que não é muito aceito na pesquisa em comunicação, contudo, é necessário, pelo menos, um debate sobre o papel da subjetividade na pesquisa científica, sobretudo das áreas das ciências humanas e sociais, uma vez que a subjetividade é inerente a qualquer pesquisa.

Percebeu-se nas pesquisas que utilizaram a cartografia em composição com outros procedimentos metodológicos, que o objeto audiovisual não fica limitado apenas a uma análise do que é observado, mas que ele se constrói processualmente com as teorias e concepções metodológicas. Dessa forma, não há um único procedimento metodológico para ser aplicado em uma pesquisa. Entretanto, esse parece ser o maior problema do uso da cartografia como “o método de Deleuze e Guattari”, pois buscam nos conceitos, principalmente acionados a partir do livro *Mil Platôs*, compreender todas as instâncias da pesquisa, o que acaba acontecendo é um *teoricismo* abstrato. Nessa via, a dimensão metodológica ainda é muito incipiente. Acreditamos que isso ocorra, também, por que a filosofia das multiplicidades de Deleuze e Guattari, ao buscar os devires, os acontecimentos, o exercício do pensamento ao mesmo tempo em que ele se processa, sem nunca fechar, sem modelos, o sujeito/pesquisador acaba reduzindo o ato de pesquisar a uma mediação do pensamento unicamente subjetivo.

Nos trabalhos observados há uma forte tendência em defender a subjetividade do cartógrafo. Acreditamos que no campo da comunicação essa defesa ocorra, porque o referencial teórico com maior vertente para pensar a cartografia como um método de Deleuze e Guattari seja a da psicologia e/ou, também, porque as pesquisadoras que mais apareceram nos trabalhos para pensar a cartografia como prática sejam dessa área: Suely Rolnik (2006) e Virgínia Kastrup (2009).

O que está claro que a cartografia como ecologia ou método na comunicação ainda está em um movimento incidente e, assim, seus usos precisam ser experimentados, adequado ao campo e, portanto, explorados.

Interessante relatar que a proposta rizomática se opõe a um modelo, no entanto, nos trabalhos que se propõem a usar a cartografia teórica-metodologicamente acontecem algumas especificidades que parecem ser incorporadas nos trabalhos de uma mesma forma: há uma busca pela escrita de forma mais poética; criam-se conceitos que são uma composição dos próprios conceitos desenvolvidos por Deleuze e Guattari (seguindo a lógica apresentada por eles de que a filosofia é criação de conceitos), principalmente, os conceitos de rizoma e cartografia como, por exemplo, *Personagem-rizoma*, *Direção-cartográfica*; *Olhar-graffiteiro*. Entre esses conceitos há uma similaridade que é se explicar seguindo os princípios do rizoma, ou seja, de multiplicidade, de heterogeneidade, de uma abordagem sempre aberta a novas

conexões. Em alguns trabalhos, a criação dos conceitos é apresentada como uma grande descoberta realizada na conexão com a teoria.

Apesar das limitações apontadas é importante frisar que a cartografia como um procedimento teórico-metodológico pode ser muito produtiva para construir o objeto empírico que trabalhe no plano dos *acontecimentos*, desde que, para isso, se estabeleça, não apenas a relação com o rizoma como *episteme*, mas que transcenda essa ligação incluindo uma coerência maior da dimensão metodológica.

Dessa forma, é possível descentralizar um tipo de fazer filosofia deleuzo-guattariana na comunicação, isso não significa excluí-la, mas trabalhá-la de modo a usar o seu rico material teórico-filosófico para avançar na reflexão da construção de objetos que sejam significativos para o campo. Nesse sentido, não basta inovar, mas questionar se a cartografia poderá oferecer outras possibilidades de estudar os objetos audiovisuais.

Nos trabalhos que defenderam a cartografia como um único método foi possível observar uma retórica filosófica, ou seja, a construção de *insights* com os conceitos de Deleuze e Guattari como uma forma de fazer pesquisa sobre o pretexto das emanções, das intensidades, do novo a ser encontrado - afinal, esse parece ser mais o papel da filosofia do que da comunicação. Chegar ao final de uma investigação com conceitos e problematizações é muito satisfatório, contudo não podemos usar isso como a comprovação de uma pesquisa empírica. Isso, na verdade, converge para um empirismo abstrato.

No campo da comunicação a realização da pesquisa empírica parece ser uma forma de se entender o que é pesquisa científica no campo em meio a tantas vertentes teóricas e objetos audiovisuais plurais. Essa parece ser uma estratégia pedagógica produtiva para compreender tanto o fazer teórico como o metodológico.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem (2000): *Filosofia da Ciência – introdução ao jogo e suas regras*. São Paulo: Loyola.

BANCO DE TESES DA CAPES (2012): Disponível em:
<<http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>> Acesso em: fev. 2012.

BERGSON, Henri (2006a): *Memória e vida*. São Paulo, Martins fontes.

BERGSON, Henri (2006b): *O pensamento e o movente*. São Paulo: Martins Fontes.

BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (2012):
Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br/>> Acesso em: set. 2012.

CÁNEPA, Laura (2011): *Estudos de cinema e audiovisual*. Socine: São Paulo. V. 1, 2.
Disponível em <http://www.socine.org.br/livros.asp>

DELEUZE, Gilles (2004): *Bergsonismo*. São Paulo: Editora 34.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix (1995): *Mil platôs*. V.1. Rio de Janeiro: Ed. 34.

FARINA, Camila. (2008): *Graffitações televisivas: um estudo cartográfico sobre a atualização do graffiti na MTV*. 146 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de

Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS.

GIL, Adeline Gabriela Silva (2008): As multiplicidades espaciais na comunicação midiática digital. 105 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Midiática). Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/Bauru. Programa de Pós-Graduação em Comunicação.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely (1986): Micropolítica: cartografias do desejo. Petrópolis: Editora Vozes.

GUIDOTTI, Flávia Garcia (2007): Dez mandamentos de Jorge Furtado: cartografias em três platôs. 181 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Comunicação.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo (2010): Reflexividade e relacionismo como questões epistemológicas em comunicação. In: BRAGA, José Luiz; LOPES, Maria Immacolata Vassalo; MARTINO, Luiz Claudio. (Orgs.) Pesquisa empírica em comunicação. São Paulo: Loyola.

LOPES, Tiago Ricciardi Correa (2008): Personagem-Rizoma: atualizações do personagem no curta-metragem Kilmayr. 2008. 155 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS.

KASTRUP, Virgínia (2008): O método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa-intervenção. In: Lúcia Rabello de Castro e Vera Lopes Besset. (Org.). Pesquisa-intervenção na infância e juventude. 1 ed. Rio de Janeiro: Nau, v. 1, p. 465-489.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.). (2009): Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina.

ROLNIK, Suely (2006): Cartografia Sentimental. Transformações Contemporâneas do Desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS.

ROLNIK, Suely (1987): Cartografia Sentimental da América: produção do desejo na era da cultura industrial. 250f. Tese. (Doutorado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social.

ROSÁRIO, Nísia Martins (2008): Mitos e cartografias: novos olhares metodológicos na comunicação. In MALDONADO, A. Efendy; BONIN, Jiani; ROSÁRIO, Nísia Martins (orgs.): *Perspectivas metodológicas em Comunicação*: desafios na prática investigativa. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB.

ROSÁRIO, Nísia Martins (2011): Da metodologia transformadora às transformações na pesquisa. IN LA TORRE, A. Efendy Maldonado Gómez; BARRETO, Virgínia Sá; LACERDA, Juciano de Sousa (Orgs.): *Comunicação, educação e cidadania*: saberes e vivências em teorias e pesquisa na América Latina. João Pessoa; Natal: Editora da UFPB, Editora da UFRN.

SANTOS, Boaventura de Souza (1989): *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal.

AYALA, Francisco (1972): “Propaganda y democracia”, en *Hoy ya es ayer*, Madrid, Moneda y Crédito, pp. 193-200. (estilo RC_Bibliografía)